

VOZES em defesa da fé

CADERNO

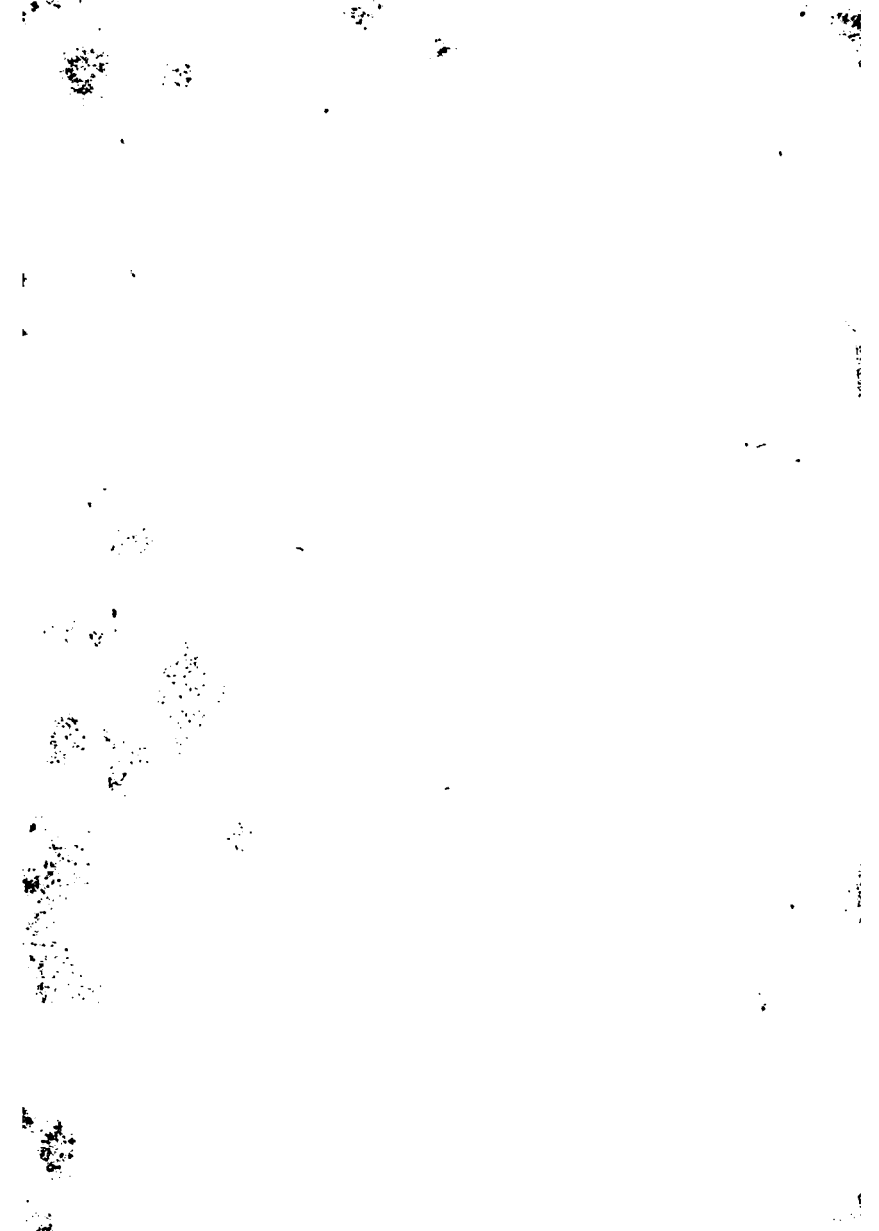
45

**Esta era a Fé
dos nossos Pais**

15583



EDITORA VOZES LTDA.



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 45

Esta era a Fé de nossos Pais



EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ
1964



Mais por que é que você não é católico?

Sem dúvida você se ressentiria se alguém bruscamente lhe perguntasse: "Por que é que você não é católico?"

Mas suponha que essa pergunta surgisse na sua mente, como é quase certo suceder se você der alguma consideração séria ao que lhe vai acontecer depois da morte. Como poderia você responder a isso de maneira que satisfizesse o seu bom-senso?

Certamente você poderia dizer que as suas idéias sobre Deus são vagas e incertas, e que a religião não oferece melhor resposta. Por esta razão você se sente justificado de continuar sem nenhuma fé positiva, e sem sentir a necessidade de qualquer interesse religioso particular.

Entretanto, se você é honesto consigo mesmo, terá de admitir que essa não é uma resposta muito boa. Antes de tudo, ela está em conflito não somente com os seus próprios instintos e com o juízo raciocinado das idades, como também está especialmente em conflito com a verdade cristã revelada.



E' inteiramente possível que, mediante o auxílio de nosso Deus misericordioso, você sinta a influência de um senso espiritual interior, mesmo se você não crê em religião.

Por outro lado, como pode você explicar o universal "senso espiritual interior" senão como sendo algum sentimento miséria, de dignidade e de dependência, de privilégios e de obrigações para com o Criador de todos? Chame você a isso como quiser, o fato é que há essa ordem entre o Criador e a criatura — uma ordem que o homem não faz, mas, antes, uma ordem que já é existente e que ele é obrigado a descobrir.

Embora dotado de admiráveis poderes de intelecto e de vontade, ao homem não foi concedida infalibilidade pessoal — nem mesmo em matérias que envolvem o plano da sua vida estabelecido por Deus. Para a sua assistência, há as muitas revelações divinas, diretas e indiretas, e há principalmente a Igreja, que Cristo fundou como sua mestra oficial para o esclarecimento da hu-

manidade através das sucessivas gerações.

Você poderia tentar discutir isso e dizer que a Igreja apenas *pretende* ser o arsenal da verdade de Deus. Poderia argumentar que essa pretensão assenta totalmente na fé e não pode resistir à prova da lógica e da razão. Mas será isso verdade — e acaso tal argumento satisfaz o seu bom-senso?

Em cada particularidade, a criação de Deus é ordeira. Cada coisa no universo... até o mais pequeno átomo... serve um uso e um fim definidos. Então será lógico ou razoável presumir que Deus deixou o homem solto no universo sem finalidade para a qual viver e sem regras segundo as quais viver? Sem dúvida, a resposta é que não, e então a conclusão evidente é que nós devemos volver-nos para a religião, do contrário não haverá regras permanentes, não haverá ordem e não haverá meios pelos quais possamos servir a Deus e aos fins para os quais êle nos deu a vida.

Mas, diz você, — que é a religião?

Como o fazem muitos, você pode concluir que uma religião é tão boa como outra. Porém, uma vez mais, o seu próprio bom-senso deveria dizer-lhe que assim não é. Como poderia haver muitas religiões verdadeiras — todas pretendendo possuir e proclamar a verdade de Deus revelada, e no entanto diferindo todas nos essenciais daquilo que



crêem e ensinam? Acaso o Deus da verdade é servido por contradições?

A religião verdadeira?

Convimos em que não é fácil pesar e julgar as pretensões de muitas religiões e escolher a verdadeira. Mas há uma verdadeira — e só uma — e sobre cada um de nós pesa a obrigação de achá-la e segui-la. Se você empreender seriamente essa busca, finalmente deverá ser forçado a encarar esta pergunta: “Por que é que eu não sou católico?”

Os seus antepassados, quase certamente, eram católicos. Por mil anos, e talvez mais, os seus avoengos renderam culto na Igreja histórica, tal como os seus amigos e próximos católicos à volta de si ainda fazem hoje. Mui provavelmente, você não pode traçar a sua árvore genealógica até o século dezesseis sem topar com o fato de ser descendente de católicos.

E por que não católico?

E por que é então que você hoje não é católico? A resposta pode ter que remontar até à rebelião do século dezessete contra a Igreja Católica, rebelião da qual brotaram as numerosas e antagônicas seitas dos nossos tempos. Ou talvez seus avós tenham deixado a Igreja por outras razões e em tempos mais recentes. Seja, porém, qual for a causa, você deve a si mesmo o inquirir por que razão não é católico — aprovar ou desaprovar a nossa pretensão de que a Igreja Católica é hoje e foi desde o tempo dos Apóstolos o empório da verdade e do culto cristãos integrais estabelecidos por Cristo para guia da humanidade e para eterna salvação de todos.

No seu caso, os seus ancestrais podem ter deixado a Igreja Católica há uns 400 ou 500 anos. Mas, por mil anos antes disso, eles foram católicos. Pode você capacitar-se de haverem eles andado certo em mudarem a sua fidelidade à luz da verdade histórica? Lembre-se de que a Igreja Católica é a única Igreja cristã que data dos Apóstolos — que data de Cristo. E' a Igreja com a qual Cristo prometeu que "estaria sempre", e da qual disse: "... as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Se você recusa reconhecer a Igreja Católica como a Igreja de Cristo, então diz que Cristo deixou de cumprir a sua promessa. E pode você crer isto?



Podem os seus antepassados ter perdido a sua fé católica histórica numa era de opressão da Igreja, como, por exemplo, na Inglaterra, onde os católicos eram multados por assistirem à Missa e multados por não frequentarem os serviços protestantes. A Dinamarca, a Noruega e a Suécia foram, por séculos, nações católicas, porém muitas foram perdidas para a Igreja quando o Luteranismo foi imposto pela força e os católicos eram perseguidos com multas, prisão, confisco da propriedade, incapacidade para possuir propriedades ou ocupar cargos, e por leis contra a assistência a quaisquer cerimônias católicas.

Nessas circunstâncias, pode ser que muitos que deixaram a Igreja Católica não o tenham feito por escolha deliberada — não por pensarem que a "nova religião" era melhor — mas sim por terem sido forçados a fazê-lo ou, do contrário, aceitarem a sorte dos mártires, dos quais está cheia

a longa história da Igreja. O resultado foi que os filhos dêles e os filhos dos filhos dêles foram criados como acatólicos.

Como alguns perderam a fé

Também é possível que a sua separação da Igreja Católica tenha provindo de outras e mais recentes causas. Não raras vezes, imigrantes vindos de países católicos estabeleceram-se em área do Novo Mundo onde a Igreja não estava bem estabelecida. Não havia ali Missa ou outros Sacramentos, e gradualmente êles perderam o hábito de culto e o interesse pela sua religião. Se você examinar a sua árvore genealógica bastante para trás, pode talvez achar ser essa a razão pela qual hoje não é católico.

Também pode ser que um casamento misto de um dos seus ancestrais — ou mesmo o seu — é que o tenha tirado do redil católico. Talvez seu pai e sua mãe estivessem divididos sobre a questão de religião, ou talvez isso tenha acontecido muito para trás, nos dias de seu avô, de seu bisavô, ou mesmo além. E então, repito, pode você ter sido batizado como católico, mas não ter sido educado na fé e instruído no significado e importância da religião.

Eles eram católicos

Seja lá qual tenha sido a causa da sua separação da Igreja Católica, os seus antepassados eram católicos — fôssem êles da Inglaterra ou da França, da Noruega ou da Suécia, da Alemanha ou

da Austria, da Polônia ou da Lituânia, da Tchecoslováquia ou da Hungria, da Croácia, da Espanha, da Itália, de Portugal ou de qualquer das outras nações do mundo ocidental.

A sua resposta a tudo isto pode ser que não lhe interessa o que seus antepassados eram — que a religião, na medida em que lhe interessa, é assunto de sua própria escolha. Pode você dizer-se a si mesmo que não é católico por não crer naquilo que a Igreja Católica ensina, ou por não gostar dêste aspecto do culto católico ou daquele. Talvez você diga que crê na Bíblia, e, com esta crença, não importa em que igreja você presta culto, se o presta em alguma.

Mas será que esta resposta resiste à prova do seu bom-senso e do seu raciocínio lógico?

Você há de convir em que a Igreja Cristã se iniciou com Jesus Cristo. Cristo confiou os seus ensinamentos aos Apóstolos, e estabeleceu a sua Igreja para assegurar que o seu ensino continuaria depois que êle e os seus Apóstolos houvessem deixado a terra. Nos tempos apostólicos — e por muito tempo depois — não havia Bíblia. Mas havia uma Igreja — a Igreja única que hoje é chamada Igreja Católica. O corpo da verdade de Cristo estava em poder da Igreja. Como se pode, pois, sustentar que todo o corpo da verdade cristã está na Bíblia, quando milhões de cristãos viveram e morreram sem nunca terem ouvido falar de tal livro?

Os primeiros 1500 anos

Na realidade, as únicas cópias existentes da Escritura completa estavam nas mãos da Igreja Católica, e durante os primeiros 1.500 anos do Cristianismo não houve coisa tal como a ampla distribuição da Bíblia, porque a imprensa ainda não fôra inventada até meados do século quinze. Mas, se você ainda insiste em se agarrar à teoria de "a Bíblia sô-



mente", a qual Igreja recorreria você para a conveniente interpretação da Bíblia, — à Igreja Católica, que possuiu e preservou a Bíblia desde os tempos apostólicos, ou a alguma outra Igreja que não teve existência histórica nos primeiros 1500 anos da era cristã?

Os católicos têm tanta reverência pela Bíblia como a têm quaisquer outros cristãos. Nós não temos senão respeito pelos que sinceramente aceitam a Bíblia e procuram moldar sua vida pelas verdades cristãs que ela contém. Mas estamos sempre cômicos do fato de ter havido uma Igreja

muito tempo antes de ter havido Bíblia... e de que muitas Bíblias hoje em dia omitem certos livros inspirados, necessários para uma plena compreensão do ensino cristão... e de que, ao passo que mandou os homens "ouvirem a Igreja", Cristo nunca nos obrigou a haurir todos os seus ensinamentos na Bíblia.

Aprenda a Verdade

Só nos Estados Unidos, o povo tem "voltado" para a Igreja Católica em números excedentes de 100.000 por ano. Dizemos "voltado" porque, como anteriormente foi assinalado, eles são descendentes de católicos — como sem dúvida você mesmo verificará ser, se se der o trabalho de traçar a origem de sua família bastante para trás.

Sabemos que muitos outros desejam voltar à fé de seus pais se ao menos se derem o trabalho de investigar a Igreja Católica. Por esta razão é que a Igreja Católica insiste repetidamente no seu convite a todos os acatólicos para que examinem os ensinamentos, as crenças, as tradições e a história católicas. Este é também o convite que lhe fazemos.

Uma investigação da religião católica levá-lo-á a muitos descobrimentos surpreendentes e convincentes. Você achará que, contrariamente ao que pode ter acreditado, os católicos não adoram estátuas ou imagens. Verá que a Missa não é uma cerimônia pagã, como às vezes é falsamente representada, mas sim um ato belo, sugestivo, e tremendamente

significativo, de culto público, no qual se enquadra o Sacrifício do Calvário. Descobrirá que a Confissão, a abnegação ou abstinência — tal como não comer carne às sextas-feiras — a oração e qualquer outro aspecto da crença católica são próprios e essenciais à vida cristã. E talvez ainda mais surpreendente lhe venha a ser a descoberta de que, enquanto o credo católico teve a sua origem antes que as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento houvessem sido postas entre as capas de um livro, tudo

aquilo que a Igreja Católica ensina é confirmado pela Sagrada Escritura como estando de pleno acôrdo com o ensino de Cristo.

Este folheto e outros desta série fornecem as respostas a muitas das dificuldades e dúvidas que o possam estar mantendo fora da Igreja Católica. Se, lendo algum dêles ou todos êles, você sentir o desejo de prosseguir, não deixe de ler os outros folhetos, pois Deus levará infallivelmente à Verdade os que sinceramente procuram o Seu auxílio.

Só somos católicos porque nossos pais o foram?

Alguns dos nossos amigos e próximos não católicos assim parece pensar. Argumentam que em religião e em política as pessoas geralmente seguem as pegadas dos pais. E aparentemente acreditam que o modo de vida e de culto católicos é resultado de hábito antes que uma escolha individual e uma convicção religiosa.

Sem dúvida, é verdade que o adestramento, a educação e o exemplo de nossos pais tiveram muito que ver com o fato de sermos católicos desde o começo. E, portanto, à Providência de Deus e à influência guiadora de nossos pais somos devedores de termos a nossa Fé hoje.

Porém os católicos não diferem, na natureza, das outras pessoas. Por esta razão, se eles não estivessem convictos da verdade da sua religião, abandoná-la-iam e experimentariam alguma outra religião, ou nenhuma. A vasta maioria, contudo, não a abandona. Continua praticando-a mesmo quando é difícil fazê-lo, e muito tempo depois de haverem escapado à influência dos pais.

"Sim", podem dizer alguns, "há católicos que são devotos



e fervorosos. São boas pessoas, fiéis no seu culto, e compreendem e praticam os ensinamentos e crenças católicos. Mas que dizer dos que são católicos apenas de nome — que vêm de famílias católicas mas não praticam a sua religião e não sabem sobre ela o bastante para responderem a perguntas quando alguém lhes faz?"

Alguns católicos, por certo nunca empregaram seu tempo em compreender a sua fé. Estiveram expostos aos ensinamentos católicos desde o começo dos seus anos escolares, mas apenas se deixaram levar, tomando a sua religião como pressuposta. Em resultado disso, quando sobrevém uma prova real, eles podem miseravelmente faltar à sua santa religião.

Há também, lamentamos dizê-lo, católicos ignorantes e católicos timoratos. O católico ignorante ainda pode ser alguém que seja brilhante em outros terrenos, mas que desde muito deixou de pesar à luz da sua fé os negócios diários da vida e, então, quando interrogado sobre a sua religião, é incapaz de dar uma

resposta satisfatória. O católico timorato parece constantemente receoso daquilo que o mundo possa pensar a respeito d'êles e da sua religião, e tem mêdo de defendê-la até mesmo contra as calúnias mais ultrajantes.

Ao que parece, muitos não-católicos esperam de todo católico uma vida virtuosa, o que é um tributo à nossa religião católica. Infelizmente, porém, muitas vezes êles consideram a falta e a conduta pecaminosa de um mau católico como uma indicação da falta da própria religião católica.



O que êles, entretanto, deveriam julgar não é a falta ocasional, mas sim a piedade, o zêlo e a inflexível devoção aos ensinamentos e ideais católicos demonstrados dia por dia pela vasta multidão de católicos no mundo inteiro.

Católicos positivos

Há também, da parte de muitos acatólicos, uma tendência para

se ressentirem da profunda segurança da convicção católica. "Vocês católicos", dirão êles, "são seguros demais de si mesmos. Para vocês, a Igreja Católica, e só a Igreja Católica, é que está certa. Tôdas as outras estão erradas".

Sem dúvida os católicos são seguros e positivos na sua fé. Todavia, não acreditam que todos os não católicos vão para o inferno, e nem a Igreja ensina tal coisa. E há boas razões para a certeza religiosa dos católicos.

Em primeiro lugar, nós estamos certos de que Jesus Cristo existiu. Todos os cristãos concordarão com isto. Os católicos crêem que Jesus era divino, e, enquanto muitas outras denominações crêem isto, algumas não crêem. A crença católica de que Cristo fundou uma igreja é quase geralmente compartilhada por seitas não-católicas, porém elas recusam conceder que a Igreja Católica é a Igreja que Cristo estabeleceu. Numerosas denominações, muitas das quais não vieram à existência senão muitos séculos depois da Igreja Católica, e tanto como 1.500 anos depois da morte de Cristo, pretendem ser a única que o Salvador fundou. Por mais estranho que pareça, estas incluem algumas denominações que nem sequer reconhecem Cristo como divino.

Os católicos crêem que, estabelecendo uma Igreja, Cristo garantiu-a contra êrro no ensino da sua Palavra. Para o católico, portanto, a Igreja é a voz da autoridade em todos os assuntos

de fé e de moral; e, suceda o que suceder, a Igreja nunca pode errar nem enganá-lo. Ou isto está certo, ou Cristo está errado.

Por outro lado, a maioria dos não-católicos baseiam as suas convicções religiosas principalmente na Bíblia. E dificilmente umas duas denominações, entre as centenas destas ora em existência, estão de acôrdo sôbre o sentido e a interpretação das Sagradas Escrituras. Não há entre elas voz de autoridade para determinar quem está certo e quem está errado, e, obviamente, foi êste estado de confusão que Cristo desejou evitar quando fundou uma igreja docente.

As palavras de Cristo

“Mas”, discutirão alguns, “que direito tem você de dizer que a Igreja Católica é essa igreja que Cristo fundou? Acaso êle não

disse: “Onde quer que dois de vós estiverdes reunidos em meu nome, aí estou eu”? Sim, Cristo disse isso, mas certamente não quis dizer que essas pequenas reuniões dos fiéis, ou mesmo grandes, deviam substituir a Igreja que êle fundou e a qual êle mandou aos fiéis que “ouvissem”. Se êle houvesse querido dizer tal coisa, não se teria dado o trabalho de fundar uma Igreja.

Se você está disposto a convir em que Cristo fundou uma igreja, então é inteiramente fácil acertar, pela lógica e pela razão, com o motivo por que a Igreja Católica, e só a Igreja Católica, pode reivindicar ser essa Igreja. Por certo, reivindicações contrárias são feitas, e os não-católicos sentem amiúde a positividade dos católicos na sua atitude sôbre esta questão. Mas examinem os fatos.

POR QUE RAZÃO OS CATÓLICOS SÃO TÃO SEGUROS DE SI

Quando os católicos dizem o Credo dos Apóstolos, sabem que estão professando fé em verdade fundamentais exatamente com a mesma interpretação com que o fizeram os primeiros mártires cristãos e os primeiros convertidos dos Apóstolos.

Quando os católicos assistem à Missa ou recebem qualquer dos sete Sacramentos, sabem que estão assistindo à mesma Missa e recebendo os mesmos Sacramentos tal como o fizeram os primeiros cristãos.

Quando os católicos obedecem ao Papa como ao supremo dirigente da cristandade na terra, sabem que estão fazendo o mesmo que fizeram os primeiros cristãos, que sempre escutaram o Bispo de Roma como o sucessor direto de S. Pedro.

A História facilmente prova que só a Igreja Católica remonta aos Apóstolos através dos séculos, e que só ela, com essencialmente as mesmas crenças, sacramentos e governo, pode reivindicar Cristo como seu fundador.

Por outro lado, a mais antiga igreja protestante data apenas de 400 anos, e muitas delas são



de origem muito mais recente. Há, portanto, uma brecha de 1.600 anos entre Cristo e as numerosas seitas que professam ser a sua Igreja.

Postos de frente a estes fatos históricos, alguns não-católicos tentam pretender que a Igreja Católica caiu em maus caminhos, que levaram à Redo século dezesseis. Há tantas contradições deste argumento, que nenhuma pessoa de mente larga pode honestamente apegar-se a este modo de ver, se se der o trabalho de estudar os fatos.

Alguns chefes da Igreja, é verdade, foram descuidados, negligentes, e mesmo pecaminosos na sua conduta. Todavia, isto não foi verdadeiro da Igreja em geral, e de modo algum afetou a adesão da Igreja à doutrina original confiada à sua guarda pelos Apóstolos.

Se devemos crer em Cristo, de fato um tal fracasso da Igreja não poderia ter lugar, pois Cristo não garantiu que a Igreja persistiria até o fim dos tempos e que "as portas do inferno não prevaleceriam contra ela"?

A palavra "reforma", como cada um sabe, quer dizer a modificação de algo já existente. A chamada "Reforma", entretanto, absolutamente não foi uma reforma. Foi a criação de alguma coisa nova e diferente. Não somente se destinou a corrigir coisas indesejáveis que tinham vindo a existir, mas também "reformou" a doutrina que Cristo autorizara seus Apóstolos a confiarem à Igreja.

Desunião

O resultado foi a criação de centenas de seitas diferentes, tendo pouca coisa em comum entre si, salvo o fato de se chamarem Protestantes. Em larga extensão, até mesmo esta afinidade entre essas seitas não tem outro significado senão o de um símbolo da sua oposição à Igreja Católica.

A chamada Reforma não proveu essas várias e numerosas seitas de uma doutrina ou base comum para a sua fé e culto. Alguns argüirão que todas elas crêem na Bíblia, e que esta é a autoridade para as suas crenças. Porém esta pretensão tem pouco valor em vista do fato de cada seita interpretar a Bíblia a seu modo, para quadrar com as suas próprias vistas, e de estarem, muitas vezes, essas interpretações radicalmente em conflito entre si. Ademais, Cristo mandou que os homens "ouvissem a Igreja". Contudo, fora da Igreja Católica não há igreja para falar com autoridade aos não-católicos, porque o Protestantismo é formado não de uma só, porém de muitas co-

munidades denominacionais diferentes e discordantes entre si.

Por outro lado, os católicos estão seguros de que o ensino da sua Igreja é certo, por ser o ensino de Cristo. O que a Igreja ensina hoje ensinou-o desde o tempo dos Apóstolos. A Igreja jamais comprometeu as suas doutrinas e princípios morais, mesmo em tempos em que a fidelidade de uma nação inteira poderia ter-lhe sido conservada pelo estabelecimento de concessões; mas, a despeito de defeições ocasionais de alguns dos seus chefes, a própria Igreja tem permanecido fiel à doutrina e às verdades fundamentais que Cristo lhe mandou "ensinar a toda as nações".

Hoje seria muito mais fácil à Igreja Católica comprometer as suas doutrinas e ensinamentos, e conformar-se às tendências do nosso mundo secular. Sem dúvida, ela poderia lisonjear os seus membros permitindo o divórcio com recasamento, fechando os olhos ao contróle da natalidade, contentando-se com a educação secular de seus filhos em escolas públicas. Mas, para fazer estas e outras coisas e ganhar uma popularidade momentânea, ela teria de comprometer a Bíblia, os seus próprios ensinamentos tradicionais, e a lei moral natural e revelada. Isto ela não poderia fazer sem faltar ao seu dever como a única Igreja fundada por Cristo; e isto ela não poderia fazer, por haver Cristo dito que a sua Igreja não cairia no erro.

A Igreja Católica vai ao encontro de todas as necessidades espirituais

Ao brilhante autor britânico Gilbert K. Chesterton certa vez foi perguntado por que decidira fazer-se católico. E ele respondeu: "Foi porque eu precisava estar seguro de que os meus pecados eram perdoados".

Isso de estar seguro representava apenas uma das muitas razões pelas quais Chesterton veio a ser um convertido católico. Mas isso também ilustra o ponto de não poder ele achar nas outras seitas a resposta a uma necessidade básica humana; porque a Confissão, como tantos outros Sacramentos da primitiva era cristã, já não faz parte da doutrina de muitas seitas, senão da quase totalidade delas.

Todo ser humano normal, a não ser que a sua consciência tenha sido pervertida por pecados reiterados, tem um sentimento de culpa. E é simplesmente natural e normal desejarmos estar seguros de que os nossos pecados, grandes e pequenos, são perdoados. O pagão ou o ateu, quando acusados pela sua consciência, não têm para onde se voltar em busca de perdão, por não crerem que haja alguém capaz de os per-



doar. Podem, pois, se forem inteligentes, ser às vezes afligidos por sérios remorsos concernentes aos pecados que lhes marcarão o caminho através da vida. Um acatólico parece apenas ligeiramente em melhor posição no caso, porque, se reconhece a absoluta necessidade da confissão, dizem-lhe que

confesse seus pecados diretamente a Deus. A própria idéia de um intermediário nisso, tal como um sacerdote, é ridicularizada, mesmo se a Bíblia, que é de esperar seja crida por todos os cristãos, registre expressamente a incumbência dada por Cristo aos seus Apóstolos para perdoarem pecados. Ademais, os primeiros cristãos não somente

Mas não são só os fatos históricos que tornam um católico seguro da sua fé. O católico que realmente compreende a sua religião e a prática acha nos ensinamentos dela, nos seus sacramentos e nas suas graças, tôdas as respostas a todos os problemas da vida — não só da vida neste mundo, mas também da vida no outro.

se confessavam ao seu sacerdote ou bispo, mas também confessavam publicamente os pecados que eram contra o público.

Depois de sinceramente procurar fazer uma boa Confissão, o católico não tem dúvida quanto ao perdão dos seus pecados. Fica tão certo disto como está certo de que o Sacramento do Batismo lhe limpou a alma do pecado original. Porque nós temos a palavra explícita de Cristo aos seus Apóstolos, de que "aqueles a quem pendoardes os pecados serão perdoados, e aqueles a quem os retiverdes serão perdoados". Se nós cremos que Cristo pôde criar o Sacramento do Batismo para apagar a mancha do pecado original, deveria alguém duvidar de que ele fornecesse um meio para o perdão dos pecados cometidos depois do Batismo? Especialmente, por que se haveria de duvidar disto, quando a Bíblia diz que Cristo o fez?

Muitas vezes dizem aos não-católicos que a Confissão, a Missa e vários ensinamentos, crenças e formas de culto católicos são apenas credices, inventadas pelos padres para embair os ignorantes e os supersticiosos, e para manter grande número de pessoas no temor do sobrenatural. E dirão êsses: "Porque a Bíblia nos diz que creiamos em Cristo, e seremos salvos".

Certamente, seria muito mais fácil se as nossas obrigações para com Deus não passassem disso. Mas, se a simples crença nos fornecesse tôdas as respostas certas

para a vida neste mundo, e tôda a segurança de que precisamos para o mundo futuro, por que então ter-se-ia Deus preocupado de nos dar os Dez Mandamentos? Por que razão Cristo, no seu Sermão da Montanha, se deu o trabalho de indicar as virtudes por cuja posse ele esperava que nós nos esforçássemos? Por que foi, de fato, que Jesus achou necessário ensinar tudo o que ensinou, quando poderia ter granjeado crença somente pelos seus milagres e pela sua crucifixão e ressurreição?

Não a «Fé sòzinha»

E' verdade que nós somos salvos pela fé. Mas não pela fé somente. "A fé sem as obras é morta", escreveu S. Tiago (2, 26), "Fazei penitência e sede batizados cada um de vós em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos vossos pecados" (At 2, 38). "Se eu tiver tôda a fé, de modo a remover montanhas, e não tiver caridade, isso de nada me aproveita" (1 Cor 13, 2).

A fé sòzinha evidentemente não basta, em vista do mandamento de "fazer penitência e ser batizado". Não basta têmos uma fé bastante grande para movermos as montanhas, se "não tivermos caridade". De certo a fé é absolutamente necessária para vivermos reta e tranqüilamente a vida presente, e para atingirmos o nosso destino eterno com Deus. Mas não a fé sòzinha — a menos que desejemos menosprezar tudo o que Cristo nos en-

sinou, tudo o que a Sagrada Escritura nos diz.

A morte é certa

Gilbert K. Chesterton, pensando sobre o perdão dos seus pecados, sem dúvida pensou também sobre o tempo em que teria de morrer e de enfrentar o juízo do seu Criador. Isto, mui provavelmente, foi um incentivo mais forte na sua busca da purificação espiritual do que o desejo imediato de acalmar a sua consciência. Porquanto, seja lá o que fôr que um homem creia, e viva ele como viver, mais cedo ou mais tarde deverá ele enfrentar o fato da morte e perguntar-se o que há para além dela.

Os católicos, por certo, temem tanto a morte como a temem quaisquer outras pessoas, mas desde a infância o católico é ensinado a crer que vive a vida presente em preparação para a vida futura. E, embora os católicos não sejam dotados, por natureza, de maior coragem em face da morte, o terror dela é diminuído para eles pela segurança e conforto da sua fé.

Um católico é justamente tão penosamente afligido pela perda de um ente amado como qualquer outro ser humano. Mas a Igreja lhe lembra que ele deve ter uma firme confiança numa futura reunião com o ente amado no céu. Semelhantemente, o católico sabe que pode, pela oração, ajudar um ente amado falecido, e também pela participação no Santo Sacri-

fício da Missa, em petição da misericórdia de Deus sobre a alma dos seus entes queridos que se foram.

A prática católica de orar pelos defuntos é ridicularizada pelos não-católicos. Todavia, persiste o fato de que os primeiros cristãos acreditavam na eficácia de tais orações, de que essa prática tem feito parte do ensino e da tradição da Igreja desde o tempo dos Apóstolos, e de que a Sagrada Escritura dá evidência específica de que é coisa conjuntamente "santa e salutar" orar pelos mortos.

Para os católicos, a sua religião é não apenas um conjunto de normas éticas ou de princípios morais. Antes, é um completo modo de vida. E' uma fonte de inspiração para viver reta e convenientemente, uma fonte de fortaleza para a constante luta contra a tentação e o pecado, um meio de cumprir os fins para os quais Deus nos criou, uma fonte de graça para atingir uma intimidade e unidade com Deus, uma coluna de força em tempo de fraqueza. Nós somos seguros na nossa fé porque a nossa fé vai ao encontro de tôdas as necessidades, e porque sabemos que, seguindo-a, seguimos a clara senda que Cristo nos marcou.

O perdão do pecado, o conforto na tristeza — estas são apenas algumas das coisas no modo de vida católico. Olhemos para algumas outras.

O Casamento é sagrado para os católicos

Naturalmente, os não-católicos sensatos têm uma alta e sincera consideração pelo casamento e pela vida de família.

Mas a Igreja Católica é hoje no mundo a organização saliente que sustenta o casamento como ele deveria ser e como Deus ordenou que ele fosse. Nem isto é coisa nova. Pelo contrário, é tão velha como a própria Igreja, e tem em favor da sua autoridade as palavras do próprio Jesus Cristo.

A atitude da Igreja sobre as questões do casamento é freqüentemente criticada, particularmente sobre assuntos como o divórcio e o controle da natalidade. Porém aqui de novo, como em qualquer outro aspecto do ensino e crença católicos, a posição da Igreja é profundamente justificada e abonada pelos ensinamentos de Cristo e pelas palavras da Sagrada Escritura. Bastante estranho é que muitos dos que professam crer implicitamente na Bíblia, inclusive naquelas partes que se referem à santidade do matrimônio, muitas vezes sejam os que mais criticam a insistência católica sobre essa santidade.



Se a Igreja Católica houvesse sido condescendente com Henrique VIII e lhe houvesse permitido repudiar a sua mulher legítima, Ana Bolena, talvez toda a Inglaterra houvesse permanecido católica e a Igreja tivesse evitado três séculos de perseguição. Mas a Igreja Católica não podia com-

prometer a lei divina relativa ao casamento tanto quanto não podia comprometer os Dez Mandamentos.

Cada um reconhece que, ao menos nos Estados Unidos, e em certos outros países também, inúmeros lares e vidas têm sido desastrosamente afetados por casamentos dissolvidos. Há uma tendência para lançar a culpa disto às leis de divórcio, as quais, na realidade, não raro são frouxas, imorais e hipócritas, e aos casamentos rápidos, precipitados, feitos por jovens que não estão preparados para assumir as responsabilidades conjugais. Mas por debaixo de tudo isso está uma maneira pagã de vida que prevalece largamente, e que tirou do matrimônio tudo o que nele é santo e moral e divino.

Os católicos que ingressam no casamento são ensinados pela sua Igreja a crerem que estão ligados até a morte pelos seus votos, suceda o que suceder. Eles reconhecem o casamento como um Sacramento, e portanto devem olhar para a sua vida conjugal como para um estado santo, comparável, como o estabeleceu S. Paulo, à união de Cristo com a sua Igreja.

Via de regra, os católicos não se precipitam, quando se trata do casamento. O seu preparo e as leis da Igreja exigem que eles só assumam essas solenes obrigações com a devida instrução, reflexão e respeito. Eles reconhecem que a finalidade primária do casamento, tanto sob a lei divina como sob a lei natural, é a procriação de filhos. E' lhes ensinado que coisas tais como o movimento chamado "paternidade planejada" são nada mais nada menos do que uma violação da lei natural e divina.

O casamento é um Sacramento

Muitas vezes acontece erguerem-se as leis da Igreja Católica no caminho de um casamento, como no caso de um homem divorciado que deseja esposar uma moça católica, insistindo esta em ter a cerimônia católica. Um casamento na Igreja é impossível sob tais circunstâncias, e muitas vezes a parte não-católica critica altamente a posição da Igreja. Entretanto, o que é

esquecido é que foi Deus quem nos deu as leis que são as leis da Igreja. Foi Deus quem disse que nenhum homem pode repudiá-la sua mulher para desposar outra.

Pela crítica que você às vezes ouve, você poderia imaginar que foi a Igreja Católica que se apartou da fé de nossos pais. Mas, se você estudar cuidadosamente e pesar honestamente a posição católica sobre todas as questões, será forçado a admitir que na sua doutrina básica, na sua preservação dos Sacramentos, nos seus ensinamentos e formas de culto, e na sua insistência sobre a aplicação da verdade religiosa a todos os aspectos da vida, só a Igreja Católica persiste fiel aos ensinamentos de Cristo e firme na sua recusa de comprometer a doutrina confiada à sua guarda pelo próprio Nosso Senhor.

Os cânones matrimoniais da Igreja, dizem alguns, são destinados a fazer com que os católicos se casem com católicos. Conquanto a Igreja certamente prefira isto, e a experiência demonstre que os casamentos de pessoas de convicções religiosas semelhantes geralmente são mais satisfatórios, em certas circunstâncias ela tolera casamentos mistos, desde que não haja perigo para a fé dos filhos. As regras da Igreja no tocante ao casamento têm a sua autoridade na lei divina e são destinadas a ater-se a essa lei.

A FÉ DE NOSSOS PAIS É A FÉ SEGURA

Até mesmo a pessoa mais sincera, buscando arduamente a verdade religiosa, provavelmente de- ficar confusa com a variedade de pretensões doutrinas religiosas angônicas que ouve hoje n dia.

Prontamente ela descobre que, enquanto muitas denominações professam

andar-se no Novo Testamento, há grandes diferenças no modo como as várias seitas interpretam os sentidos Escriturários.

E, se ela se der o trabalho de achar bastante para trás, acha que as interpretações que uma ita hoje aprova são, não raro, teiramente diferentes, em alguns particulares, das interpretações formuladas pela mesma ita há 100, 200 ou 400 anos. Somente quando se dá o trabalho de estudar o catolicismo que a pessoa interessada chega a uma religião que tem ade- do consistentemente à sua dou- ina desde o começo... não por 10 anos ou 400, mas pelos qua- 2.000 anos que são decorridos desde o tempo de Cristo.

Seja lá por onde fôr que você aje, em qualquer parte do mun- o, achará que os católicos crêem



as mesmas verdades, re- zam as mesmas orações, assistem à mesma Mis- sa e recebem os mesmos Sacramentos, e, em as- suntos espirituais, obede- cem aos mesmos dirigen- tes.

Desde a revolta de Mar- tinho Lutero, há cerca de 400 anos, o Cristia- nismo foi tristemente di- vidido. Essa desunião, disse u observador não-católico, constit "um escândalo para o mundo. E ninguém pode chamar a is um exagero quando nos põe a imaginar que, além da Igreja Católica, há umas 675 denomina- ções, tôdas se chamando cristãs, embora discordando radicalmente umas das outras.

Por certo, tentativas também têm sido feitas para forçar a Igreja Católica a mudar seme- lhantemente a sua doutrina e a comprometer as suas crenças. Mestres como Lutero, e Ario antes dêle, procuraram negar ou interpretar a seu modo as ver- dades estabelecidas da religião católica. Em cada caso, foi dado ouvido a êsses discrepantes usual- mente num concílio geral dos bispos do mundo; e à luz dos en- sinamentos apostólicos tradicio-

nais e da Sagrada Escritura os seus escritos foram julgados.

De fato, todos os ensinamentos e práticas essenciais da Igreja Católica estão contidos no pequeno catecismo. Eles são tão simples, que mesmo uma criança pode ser ensinada a compreendê-los, embora eles respondam a questões as mais profundas e a dúvidas as mais fundamentais do sábio, do filósofo e do teólogo.

A Verdade viverá

No decurso dos séculos, sucessivas hordas de ateus, agnósticos e zombadores têm atacado o catecismo, mas nem uma só vez conseguiram provar uma só doutrina falsa nêle.

Tentativas similares continuam hoje. O incrédulo moderno quereria ver-nos alijar a fé como um fator de conhecimento em matéria de religião, e ver-nos limitar a nossa apreensão das verdades religiosas àquilo que podemos conhecer e compreender pela razão e pela lógica. Para dizê-lo de outro modo, ele quereria limitar a religião a uma ciência natural. Mas o que o chamado livre-pensador esquece é que a razão humana é limitada nas suas capacidades. Há grandes áreas de conhecimento para além da sua apreensão, verdades que ela nunca conheceria se Deus não as houvesse revelado. Tais são as verdades sobrenaturais da religião. A razão pode fornecer motivos para crer essas verdades, mas a crença é a aceitação delas precisamente porque Deus as revelou.

Os católicos sabem que todos os ensinamentos da sua religião podem ser apoiados pela razão, e que não há nada na sua fé que seja contrário à razão. Mas dispõem-se a aceitar a autoridade de Cristo e da sua Igreja infalível quanto aos fatos e verdades que estão para além do reino da observação e da compreensão humanas — e isto é a fé.

De fato, não há sequer uma única contradição na linha inteira da crença católica. Pelo contrário, todos os ensinamentos formam um todo harmônico — o que é indicação, senão prova, de serem eles verdadeiros. Os convertidos que vêm em busca de instrução na religião católica muitas vezes ficam pasmados com as penas que os sacerdotes se dão em mostrar cada passo sucessivo na doutrina católica.

Quando o bom-senso é aplicado às divergências de crença entre os católicos e as seitas, a validade da doutrina católica é tornada clara mesmo àqueles que não simpatizam com o ponto de vista católico. Isto é claramente ilustrado sobre três pontos de divergência mais importantes, a saber: 1) — se a fé e as boas-obras são necessárias para a salvação; 2) — se há ou não há purgatório; 3) — o Sacramento da Penitência.

O ensinamento de que só a fé é necessária para a salvação não convém à razão, por ser possível saber-se o que é direito e, no entanto, não se fazer; crer num ideal ou princípio e, no entanto, nada fazer a respeito dêle. O

senso comum, além do claro ensino do nosso Salvador sobre o assunto, exige que nós "façamos a vontade de nosso Pai", ou seja, que pratiquemos aquilo que cremos.

Sim — Purgatório!

Quanto ao Purgatório, até mesmo não-católicos admitem que as almas que se foram deste mundo com pecados veniais, pecados pequenos, na consciência não podem entrar no céu, porque "nada manchado" pode entrar no céu. Contudo, segundo todo bom raciocínio eles podem também conceder que essas almas não serão condenadas a um castigo eterno. E então para onde irão elas depois da morte? A doutrina católica do Purgatório, que ensina a existência de um lugar temporário de purificação em preparação para o céu, é a única resposta que vem ao encontro das exigências do bom-senso.

Algumas seitas não-católicas admitem o batismo numa forma ou noutra. Algumas também reconhecem que ele remove o pecado e dota a alma com a graça.

Mas negam que Cristo tenha estabelecido qualquer outro Sacramento para tirar os pecados cometidos depois do Batismo, especialmente a Confissão. Mas a grande questão é que, depois do Batismo, o homem ainda é capaz de cometer o pecado. A prática da Confissão católica não somente desempenha a incumbência dada por Nosso Senhor aos Apóstolos: "Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, e aqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos", mas também é uma doutrina completamente razoável que deveria invocar o bom-senso de qualquer um.

A religião católica é, entretanto, a Fé segura não apenas porque os seus ensinamentos invocam o bom-senso, nem por ser a Fé dos nossos antepassados desde o começo da era cristã. Ela é a verdadeira Fé por ser a religião de Jesus Cristo revelada — por incorporar todo o ensino do Salvador — por preservar o ensino de Nosso Senhor exatamente pelo modo como ele disse que o faria a sua Igreja.

"Quem é que diz que a Igreja Católica é infalível?"

Os não-católicos irritam-se, muitas vezes, com a pretensão católica de que a sua Igreja é infalível. Consideram isto uma arrogante presunção e um insulto à sua seita. Sentem que esta tem o direito de fazer a mesma reivindicação.

Mas — quais são os fatos?

Nenhum não-católico razoável e instruído negará que Cristo fundou uma Igreja. Porque isto é provado não só pelas tradições do cristianismo desde o tempo de Nosso Senhor até o presente dia, como também pelo Novo Testamento, que as denominações não-católicas proclamam como sendo a única base da sua doutrina.

Semelhantemente, pode-se convir em que qualquer Igreja fundada por Cristo deva ser incapaz de erro e invulnerável aos assaltos dos seus inimigos. Este fato também é atestado pela tradição e pela Sagrada Escritura. Qualquer outra espécie de Igreja seria uma monstruosa deslealdade, da qual o nosso Salvador não poderia ser culpado.

Que Cristo tem uma Igreja, e que ela é infalível, deve, pois, ser concedido por qualquer cristão



que deseje ser sensato e razoável.

Assim, a única questão que resta ser resolvida é: Qual é a Igreja de Cristo, e como pode ser identificada?

Poderá ela ser uma das 675 seitas não-católicas, a primeira das quais só veio à existência há uns 400 anos? Se procurar-

mos sustentar isto, estaremos dizendo que a Igreja que Cristo fundou 1.600 anos antes falhara, coisa que ele disse que ela não poderia fazer.

Ou a Igreja de Cristo será a Igreja Católica, que tem existido como um todo orgânico, sem mudança essencial nos seus ensinamentos, desde o tempo de Cristo e dos Apóstolos até o presente dia?

Cristo, sem dúvida, só ensinou uma única doutrina, e a sua Igreja deve evidentemente ter perfeita unidade em todos os seus ensinamentos e Sacramentos, sem contradições.

Pode-se honestamente dizer que há unidade de ensino e de crença, sem contradição, entre as seitas não-católicas? E onde é que nessas igrejas estão os Sete Sacramentos? A verdade, por cer-

to, é que só a Igreja Católica tem unidade mundial nos seus ensinamentos e práticas.

Diz-nos o bom-senso que a Igreja de Cristo deve ser uma Igreja revestida de autoridade, pois Nosso Senhor delegou uma autoridade definida aos seus Apóstolos para continuarem a obra da sua Igreja. E cada um sabe que a Igreja teve os seus bispos e sacerdotes desde o começo, com autoridade aos mesmos conferida pelos Apóstolos. Na Igreja Católica, a sucessão dos bispos e sacerdotes tem continuado sem interrupção desde os tempos apostólicos até hoje.

Mas onde é que, entre as denominações não-católicas, há uma simples autoridade, e muito menos um corpo de bispos e de sacerdotes investidos para falarem pelo grupo todo e para promulgarem crenças e práticas sobre as quais todos concordam? Onde é que, entre essas seitas não-católicas, há um mestre, erudito, clérigo ou discípulo, que possa com razão pretender estar em legítima sucessão aos Apóstolos?

Os não-católicos às vezes discutem o direito da Igreja Católica de se chamar "católica", coisa que por certo quer dizer universal. A resposta católica a isso é não apenas o fato de ser a Igreja Católica mundial, ou de se elevarem os seus membros a cerca de 400 milhões de pessoas de todas as raças e cores. O fato da sua catholicidade remonta à própria origem da Igreja, que Cristo declarou seria universal, e ao reconhecimento, nos primei-

ros séculos, do fato de ser ela realmente universal.

O Concílio de Nicéia, por exemplo, no ano 325, definiu a Igreja como a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. O Credo Apostólico proclama a crença na "santa Igreja Católica". Muitas tentativas fazem-se hoje para fazer crer que a Igreja Católica é apenas outra seita cristã, e que qualquer outra seita que deseje fazê-lo pode pretender ser católica e apostólica, embora não seja nem uma coisa nem outra.

Também deve ser aparente a qualquer pessoa razoável que uma igreja, como qualquer outra organização, deve ter ordem e disciplina se quiser cumprir as suas finalidades. Isto obviamente é impossível em seitas onde há diversidade de opinião sobre matéria de doutrina; onde, em alguns casos, um ministro pode reptar os seus superiores eclesiásticos e levar o seu caso perante os membros leigos da sua congregação; e onde os leigos, em alguns grupos, podem ditar regras ao ministro.

A Igreja Católica, por outro lado, tem ordem e disciplina. Entre os fatores que contribuem para isto estão a secular estrutura da chefia na Igreja, o Direito Canônico, e o respeito que o povo católico tem aos seus bispos, por ele reconhecidos como os sucessores legais e oficiais, e devidamente designados, dos Apóstolos.

Em vista de todos estes fatos, é claro que a pretensão católica da infalibilidade da Igreja se baseia não em arrogância, mas

A BÍBLIA NÃO É A AUTORIDADE PLENA

Ninguém que depende exclusivamente da Bíblia pode pretender ter a completa verdade de Cristo. É difícil convencer disto pessoas que por toda a vida têm crido na teoria de "a Bíblia somente", embora muitas se convençam quando se dão o trabalho de estudar os fatos.

Antes de tudo, sabemos que Cristo ensinou os seus discípulos por palavra de boca. Não escreveu coisa alguma. A Bíblia não poderia, pois, evidentemente, ter sido a autoridade para a fé dos primeiros cristãos. Vasto número deles viveram e morreram sem terem jamais visto uma Bíblia, ou mesmo sem terem ouvido falar de tal livro.

Isto foi verdade dos convertidos não só durante a própria vida de Cristo aqui na terra, como também durante a vida e longo tempo depois da morte dos Apóstolos. Os vários livros do Novo Testamento foram escritos entre os anos 45 e 100 da era cristã, e só no ano 400 foi que a Igreja definiu quais os livros que deveriam formar o Novo Testamento e ser aceitos como inspirados pelo Espírito Santo.



Portanto, quem quer que insiste sobre a Bíblia como sendo a única fonte da verdade cristã está dizendo, com efeito, que não houve fonte de tal verdade para as massas do povo durante 400 anos depois da morte de Cristo. De certo, nenhuma pessoa inteligente querria sustentar isto.

Há, realmente, duas fontes da crença cristã. Uma é a tradição, abrangendo o ensino oral de Jesus como transmitido pelos Apóstolos. A outra é a Sagrada Escritura, representando aquela porção do ensino de Nosso Senhor que foi posta por escrito pelos seus discípulos sob a inspiração do Espírito Santo.

Mas em ambos os casos as palavras de Cristo e os fatos da história tornam claro que a pregação, o ensino e a interpretação deviam estar nas mãos de uma autoridade reconhecida, estabele-

na promessa do próprio Cristo, e na clara evidência de que só a Igreja Católica tem todas as marcas e qualificações que evidentemente a Igreja de Cristo deve possuir.

da, imutável e indissolúvel — Igreja.

De fato, ninguém pode mostrar que a Bíblia é de origem divina e inspirada pelo Espírito Santo sem que reconheça a inalienabilidade da Igreja Católica.

Em vista disto, é inteiramente asmoso ouvir às vezes dizer que as seitas não-católicas defendem

Bíblia e que a Igreja Católica se opõe a ela. A Igreja Católica, por certo, teve a Bíblia antes que houvesse coisa tal como Igreja protestante — de fato, vive-a mais de 1.500 anos antes.

Durante esses 1.500 anos, os cristãos "ouviam a Igreja", como Cristo mandara, e como o fazem hoje os católicos. A teoria "a Bíblia somente" só veio à existência por ocasião da revolta de Lutero contra a Igreja, há cerca de 400 anos, o que tudo forma uma pessoa razoável a perguntar: "O Cristianismo começou com Cristo ou com Lutero?"

O Novo Testamento não é um livro de texto, ou manual, de religião, completo e ordenado. Em certos lugares é vago, fragmentário e difícil de entender. E isto é porque os seus escritores presumiam que o povo já aprendera pela pregação a verdade cristã. A Bíblia evidentemente tinha em mira completar o ensino da Igreja, e não substituí-lo. Se uma pessoa totalmente alheia à tradição e ao ensino cristãos tivesse de pegar um exemplar da Bíblia, poderia, sem outro auxílio, ter o plano completo de Cristo sobre a vida cristã e um guia seguro para a eterna salvação?

Quem é que pode interpretar?

Os católicos, naturalmente, desmentem o dogma fundamental não-católico da "fé haurida nas Escrituras somente, e por interpretação privada". Essa foi uma opinião inteiramente desconhecida e não praticada durante os primeiros 16 séculos da era cristã. Ela é desaprovada pelo ensino e pela própria natureza da Igreja, desde o tempo dos Apóstolos. A sua impraticabilidade é profundamente demonstrada pelo número de seitas que estão em conflito nas suas várias interpretações.

E, se a Bíblia sozinha é suficiente para a obtenção de uma verdadeira e plena compreensão da vida cristã, por que então é necessário às várias seitas ter pregadores e ensinantes? Pela suas ações, senão pelas suas palavras, é evidente que elas também consideram a igreja, e não a Bíblia, como a autoridade, pois é de uma igreja que eles dependem para fazerem a interpretação, o ensino e a pregação.

O Sacramento da Penitência, como praticado na Igreja Católica, é um dos aspectos mais criticados da fé católica. "A Bíblia", argüirão alguns críticos, "não diz que nós devemos confessar a um padre. Nós confessamos nossos pecados a Deus".

Docentes de Cristo

O próprio fato de a Bíblia não dizer isso demonstra que a Bíblia não pode ser a única fonte da verdade cristã. Porque Cris-

to especificamente autorizou os Apóstolos a perdoarem ou não perdoarem os pecados. E incumbiu os Apóstolos do dever de nomearem outros para continuarem a sua obra.

Os nomeados pelos Apóstolos evidentemente são aquêles que são os seus sucessores históricos, cronológicos, a saber, os bispos e sacerdotes da Igreja — da Igreja Católica, pois não há outra que existisse no tempo dos Apóstolos, e nenhuma que date dos tempos apostólicos.

A Bíblia é, verdadeiramente, a Palavra de Deus inspirada. Não é, entretanto, a Palavra plena e completa. Para entendê-la convenientemente, devemos “ouvir a Igreja”, como Cristo mandou. Se apenas “perscrutarmos as Escrituras” e ignorarmos a Igreja, executaremos uma das advertências de Nosso Senhor e ignoraremos totalmente outra mais importante.

Alguns dos nossos amigos não-católicos comentam às vêzes isso

a que êles chamam uma falta de “democracia” na Igreja Católica. O povo católico, dizem êles, não tem nada a dizer sôbre a doutrina, o ensino ou a conduta da Igreja, ao passo que em outras denominações os leigos têm certos direitos e autoridade.

Em resposta a isto, podemos mais uma vez apontar para a Igreja primitiva — para a Fé original, a Fé de nossos pais. Cristo investiu da sua autoridade os Apóstolos — e não as multidões. E os Apóstolos tiveram de escolher sucessores para prosseguirem a sua obra. Em parte alguma, no seu ensino oral ou no registo escrito das suas palavras e obras, há a sugestão de que as massas do povo, então ou em gerações posteriores, poderiam determinar por si mesmas o pleno e verdadeiro sentido do ensino de Nosso Senhor.

Os cristãos primitivos “ouviam a Igreja”, como o fazem os católicos hoje em dia.

"Mas eu conheço alguns MAUS católicos!"

Você não poria abaixo uma vigorosa macieira somente por ter achado no chão, debaixo dela, a maçã podre.

Contudo, a Igreja Católica às vezes é criticada e condenada por causa do exemplo ou pecaminosidade de alguns católicos individuais.

Sem dúvida, é um alto exemplo prestado ao catolicismo e os seus críticos apliquem esses altos padrões de conduta ao juízo dos católicos. Todavia, fazer a Igreja à base de indivíduos errados não é nem honesto nem sensato.

Na Igreja Católica, como em qualquer outra — e, nessa maioria, em qualquer outra grande comunidade de pessoas — há alguns que não correspondem aos mais altos ideais. O fato de, aqui ali, alguns deixarem de viver em conformidade desses ideais ou quer, entretanto, dizer que os ideais sejam errados. Tudo o que se prova é o desacerto dos homens — e não o desacerto da Igreja.

Por exemplo, há católicos que geralmente são bem informados sobre negócios materiais, porém ignorantes sobre muitos aspectos



da sua religião. Quando um não-católico lhes faz uma pergunta, eles não podem responder-lhe. E às vezes são culpados de deturpação das crenças e doutrina católicas, sem se darem conta da extensão do seu erro.

Às vezes os críticos da Igreja parecem pensar que a doutrina católica inteira deveria ser desacreditada por haverem eles encontrado um católico ignorante que não pode explicar a sua Fé, ou que dá sobre ela uma explicação evidentemente incorreta. Aqui ainda, trata-se de uma falta do indivíduo, e não da Igreja.

Se um católico comete um crime e é mandado para a prisão, a tendência de alguns críticos é dizer: "Se a fé católica é a fé verdadeira, por que então tantos católicos são mandados para a cadeia?" Muitas vezes sucede que prisioneiros sob sentença de morte querem, mediante os esforços de um capelão católico, abraçar a fé católica quando seu fim se aproxima. Alguns deles nunca foram católicos; alguns foram católicos nominalmente, mas nunca viveram a sua fé. Contudo, a primeira coisa que alguns críticos

sugerem é que a fé católica é um fracasso porque tal gente professa ser católica. E nunca pensam em dar crédito à Fé que reconduz esses penitentes a Deus, como Cristo reconduziu o bom ladrão na cruz.

Também se critica a Igreja por causa dos seus sectários que poderiam ser chamados "católicos mecânicos". Esses vão a todas as funções de culto e frequentam todas as cerimônias católicas, inclusive o Santo Sacrifício da Missa, e no entanto não levam realmente a vida católica devota que a sua fé lhes ensina viverem. Os que faltam desta maneira dão, na verdade, fraco testemunho da sua Fé, mas, no entanto, a falta é deles mesmos, e não da Igreja.



O católico indiferente muitas vezes é citado como um exemplo da falência da Igreja, quando ainda aqui o mau exemplo é apenas de um indivíduo. Sem dúvida a Igreja poderia refutar essas

críticas simplesmente assinalando que o "indiferente" absolutamente não é um católico — que, de fato, alguns deles são os críticos mais acerbos da Igreja. Na realidade, entretanto, é impossível destruir o cunho do catolicismo na alma humana, pois o Batismo deixa no indiferente uma marca indelével. Na pior das hipóteses, pode ele ser apenas um péssimo católico.

Católicos indiferentes

Coisa altamente importante de observar sobre o católico indiferente é o fato de raramente deixar ele a fé por preferência de outra religião. Em alguns casos a sua defecção resulta de casamento com pessoa de outra fé. As vezes ela é devida ao fato de o indiferente nunca ter sido pessoa ardentemente religiosa. A lei moral católica erige-se no caminho de quaisquer meios suspeitos para o êxito mundano, e para alguns a tentação de êxito é maior do que o senso de dever para com Deus.

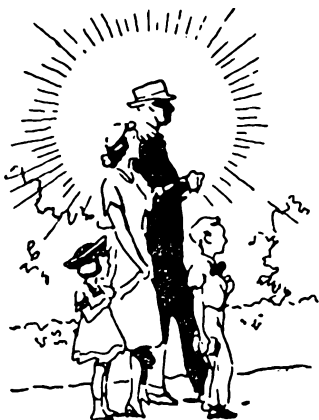
Seja, porém, qual for a razão que haja para um indivíduo desertar a Fé de seus pais, tal deserção não pode ser legitimamente usada para argüir que a religião católica é errada ou inadequada. Tentar tal coisa é mesmo menos razoável do que argumentar que a democracia é um fracasso porque alguns cidadãos que professam crer nos seus princípios não os praticam.

Bons católicos

Deus nos fez seres humanos sociáveis. Devemos viver juntos

e ajudar-nos uns aos outros. De fato, dificilmente há uma palavra que pronunciemos ou um ato que pratiquemos que não tenha algum efeito, grande ou pequeno — bom ou mau — sobre a vida dos que nos cercam. A nossa vida religiosa — ou a falta dela — é, portanto, um assunto que diz respeito primariamente a nós mesmos, mas diz respeito também ao nosso próximo.

Um bom católico que tenha isto em mente nunca dará conscientemente um mau exemplo. Esforçar-se-á por manter a sua alma em estado de graça pela fidelidade aos mandamentos de Deus,



às leis da Igreja e aos deveres do seu estado na vida. Será ativo na vida sacramental, devota e caritativa da sua paróquia. Pela sua devoção ganhará o respeito do seu próximo, sejam quais forem as crenças deste.

Por certo, nem todos os católicos se medem por estes padrões.

A grande maioria é fervorosa na sua Fé e nas suas práticas, e, no seu modo quieto de viver, pregam um excelente sermão que não pode ser ridicularizado pelo escárnio nem anulado por uma beatice desarrazoada.

A crença católica nos santos é freqüentemente ridiculizada pelos não-católicos, e um mau católico pode mesmo atrair êsse ridículo pela sua aceitação apenas meio sincera dessa crença. Todavia, isto não faz que a Igreja esteja errada no tocante aos santos e ao poder destes de intercederem junto a Deus em nosso favor.

Dificilmente alguém nega ter havido santos na Idade Apostólica e nos primeiros séculos do Cristianismo. As numerosas seitas não-católicas, como também



os católicos, cujas igrejas têm nomes em honra de santos, testificam o fato de que todos os cristãos no passado tinham uma firme crença nos santos — crença

que os católicos conservam hoje, e que muitas igrejas não-católicas rejeitam. Uma religião que nos primeiros anos foi capaz de produzir santos deveria ser classificada como uma religião morta se fôsse incapaz de continuar a fazê-lo. Nos quase 2.000 anos desde Cristo, a Igreja Católica tem continuado a proclamar os seus santos, e os bons católicos têm continuado a crer nêles. Mas, em 400 anos, nenhuma seita não-católica tem proclamado um só dêles.

Católicos por 2.000 anos

Em geral, a Igreja Católica bem pode ufanar-se da conduta de seus filhos e filhas no decurso dos quase 20 séculos de história cristã. E ela constantemente procura gravar-lhes na mente a importância de viverem vida prática por amor das suas próprias almas e para edificação do seu próximo não-católico.

Mas, se alguém deseja honestamente julgar sobre a verdade da doutrina e crença católica, a prova a ser estudada está na própria Igreja e no seu ensino, e não nos seus membros individuais. O não-católico sincero deveria, na sua procura da verdade, buscar esta em fontes autênticas — em autoridades que possam explicá-la corretamente — numa prova que não dependa de interpretações individuais e mutáveis.

A Fé de Pat O'Brien

Quem quer que se dê êsse trabalho logo virá a compreender por que razão tantos católicos crêem

nas coisas que fazem... por que razão tantos se esforçam por ter uma vida exemplarmente cristã... por que razão tantos se dispõem a abandonar vidas de prazer mundano para servirem a Deus como padres e freiras. Só quando se conhecem a verdadeira profundidade e significado e os irrefragáveis fatos da religião católica de Cristo é que é possível compreender o que o ator de cinema Pat O'Brien quis dizer quando disse:

"Todo homem espiritual tem um sentimento de amor à sua fé e herança religiosa, e eu sinto o mesmo sobre a minha, pois a Igreja Católica muito tem significado para mim.

"A fé nunca falha. Qual um ilimitado fundo de reserva, ela está sempre aguardando dar proteção, inspiração, perdão, coragem e alegria espiritual. Estou firmemente convencido de que tudo o que eu sou hoje e tudo o que tenho o devo à minha fé. E' uma dívida que só pode ser paga transmitindo essa fé a outros.

"Não posso querer maior gozo na minha vida do que sentar-me na igreja aos domingos com minha estremecida mãe, com a amada parceira da minha vida Helôisa, e com meus quatro filhos, todos compreendendo e procurando realmente servir a Deus — todos vivendo uma fé prática. Desejo que cada homem e cada mulher no meu país possa dizer com a convicção com que eu o faço: 'a minha fé é a minha vida, é a minha norma de viver'."

Nem todo católico é tão eloquente como Pat O'Brien. E nem todos podem ter a sua profundidade de compreensão e intensidade de fé. Porém, na maioria, os católicos são bons cidadãos e bons próximos, por serem bons católicos. Quando alguém que professa ser católico falta ao seu dever para com o próximo e para com o Estado, é só e primeiramente por ter deixado de ser um bom católico. Porquanto, como dizia o ex-presidente William Howard Taft, um não-católico, "podemos estar certos de que um bom católico é um bom cidadão".

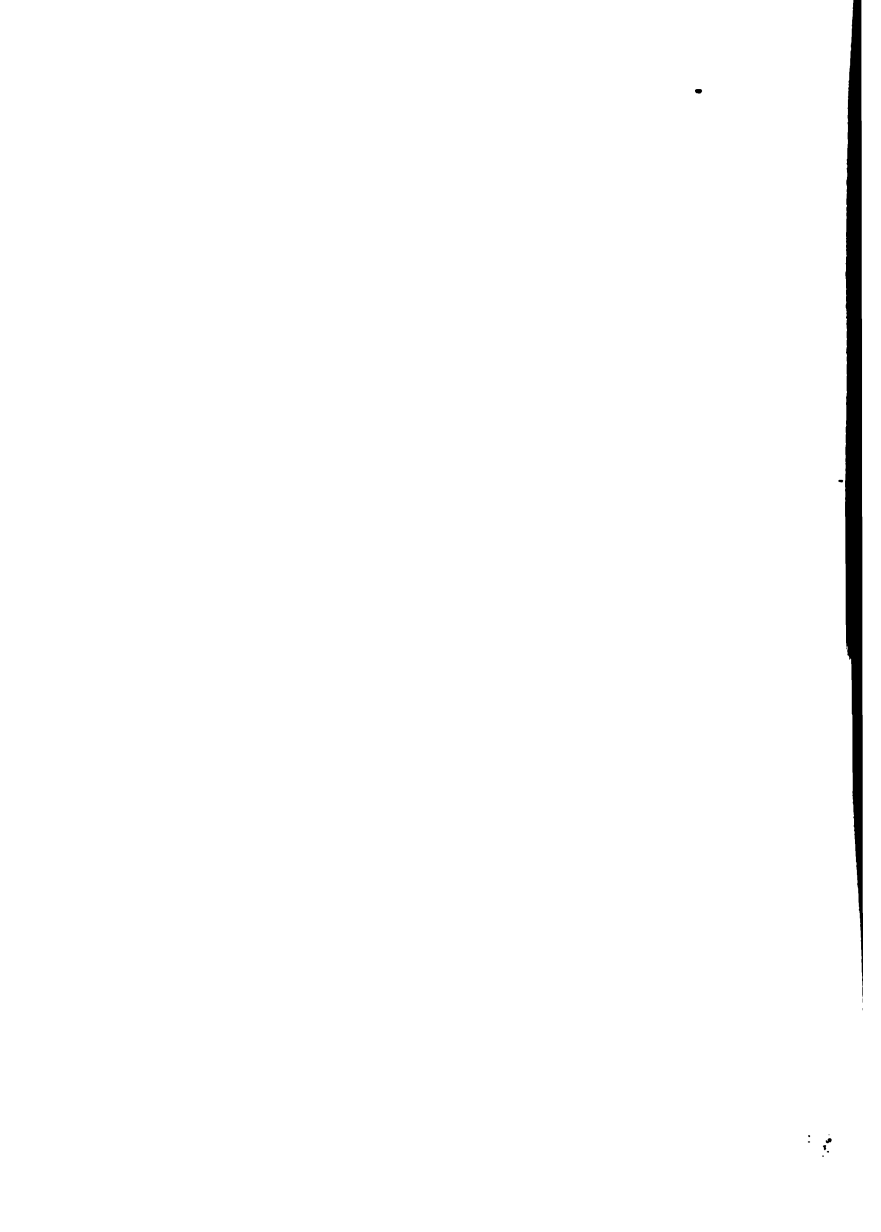
Você não está sendo honesto consigo mesmo se julga a Fé Católica pelo mau exemplo de uns poucos indivíduos... se dá atenção às calúnias de uma propaganda anticatólica, em vez de procurar a verdade por si mesmo... se rejeita os meios da graça de

Deus fornecidos nos Sacramentos da Igreja... se fecha os ouvidos a Cristo, que, ao estabelecer a sua Igreja, disse: "Quem vos escuta a mim escuta".

A Fé católica era a Fé de seus pais. Quando ou por que razão você ou os seus antepassados deixaram o Aprisco Verdadeiro, isto não podemos sabê-lo, e talvez não o saiba você mesmo. Se você poderia desejar voltar ou ficar fora é matéria para a sua própria consciência. Mas, ou por amor da sua alma... ou apenas para uma melhor e mais clara compreensão do seu próximo católico... nós sinceramente esperamos que você investigue a religião católica e só a julgue pela sua verdade — à luz do ensino de Cristo — sobre a clara evidência de que Cristo só fundou uma única Igreja... e que esta é a Igreja Católica.

SUMARIO

Mas por que é que você não é católico?	3
Só somos católicos porque nossos pais o foram?	9
Por que razão os católicos são tão seguros de si	12
A Igreja Católica vai ao encontro de tôdas as necessidades espirituais	14
O Casamento é sagrado para os católicos	17
A Fé de nossos pais é a Fé segura	19
“Quem é que diz que a Igreja Católica é infalível?”	22
A Bíblia não é a autoridade plena	24
“Mas eu conheço alguns MAUS católicos!”	27



Esta era a Fé dos nossos Pais

Conteúdo:

- Mas por que é que você não é católico?
- Só somos católicos porque nossos pais o foram?
- Por que razão os católicos são tão seguros de si.
- A Igreja Católica vai ao encontro de tôdas as necessidades espirituais.
- O casamento é sagrado para os católicos.
- A Fé de nossos pais é a Fé segura
- "Quem é que diz que a Igreja Católica é infalível?"
- A Bíblia não é a autoridade plena.
- "Mas eu conheço alguns MAUS católicos!"

Este caderno foi preparado pelos Cavaleiros de Colombo e traduzido para o português com a devida autorização.

Cum approbatione ecclesiastica